

JORNAL DO



Classe

OPERÁRIA

Ano 85, sétima fase, nº 42, dezembro de 2011

IMPERIALISTAS

TIREM AS MÃOS DO PRÉ-SAL

O segundo ano de Dilma Rousseff

Dilma Rousseff termina seu primeiro ano de governo de bem com os brasileiros: em setembro, tinha índice de aprovação de 71%. É um resultado significativo para quem tomou posse debaixo da suspeita da mídia e de parte da elite de que ela seria uma cópia de Lula com dificuldades para governar. O povo não pensava assim, acompanhou as ações da presidente, aumentou a adesão a ela e deixou os profetas do pessimismo em maus lençóis.

Este é um saldo significativo mesmo porque a presidente precisou enfrentar a sórdida campanha da mídia e da direita para transformar seu governo numa espécie de campeão da corrupção. Ela reverteu o quadro. Perdeu ministros, é certo – entre eles Orlando Silva, do Esporte, enredado nas calúnias contra sua honra e contra o PCdoB. Mas Dilma firmou-se na opinião pública como uma dirigente cujo objetivo é manter o país na rota do desenvolvimento e do crescimento – daí a alta aprovação

que as pesquisas de opinião indicam.

A alta aprovação tem outro aspecto que precisa ser destacado: a presidente Dilma vai começar seu segundo ano à frente da Presidência com um capital político alto o suficiente para que possa encabeçar as mudanças que o país precisa: as reformas democráticas estruturais, entre elas principalmente a tributária, urbana, política, agrária, educacional e na democratização dos meios de comunicação.

O ano de 2012 verá batalhas árduas em que as forças democráticas e patrióticas terão que se empenhar na construção de um novo pacto político entre forças progressistas, articulado em torno das grandes bandeiras que unificam as maiorias políticas e sociais, um novo pacto pelo desenvolvimento que será fundamental para estimular e instigar o governo a realizar as reformas democráticas e manter o país no rumo do avanço e do progresso social.

CHARGE

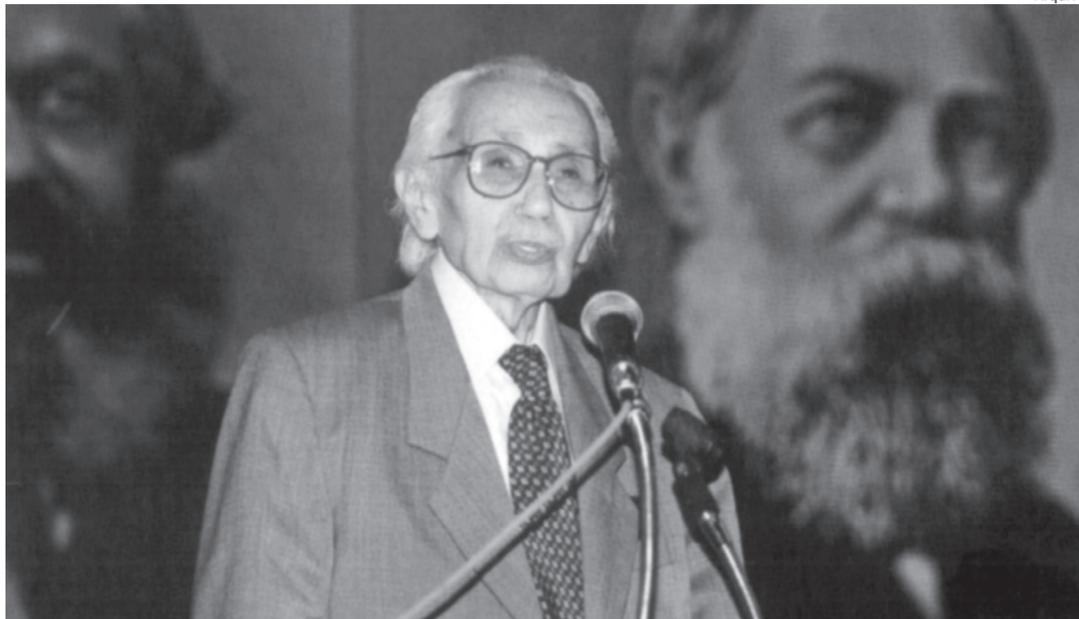


EM OUTUBRO...

...a presidente Dilma Rousseff entregou (dia 25) o navio Celso Furtado no Estaleiro Mauá, em Niterói. É o primeiro entregue por um estaleiro brasileiro ao Sistema Petrobrás desde 1997. Sua construção marca a retomada da indústria naval brasileira com a abertura de novos estaleiros e a modernização dos existentes.

EXPEDIENTE

Proletários de todos os países, uni-vos! **Classe Operária**, jornal do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). **In Memoriam de João Amazonas** **Secretário Nacional de Comunicação:** José Reinaldo Carvalho **Redação:** José Carlos Ruy (editor). **Jornalista responsável:** José Reinaldo Carvalho. **Diagramação:** Andocides Bezerra **Contato:** R. Rego Freitas, 192 - São Paulo - SP - CEP: 01220-010 **Tel.:** (11) 3054-1800 **E-mail:** classe@pcdob.org.br www.vermelho.org.br/classe



JOÃO AMAZONAS: um legado revolucionário para o Brasil

João Amazonas, arquiteto do PCdoB

O dirigente e construtor do Partido Comunista do Brasil faria cem anos em 1º de janeiro de 2012

No dia 1º de janeiro os comunistas brasileiros comemoram o centenário de nascimento de João Amazonas (1º/1/1912), que foi o principal teórico e construtor do Partido Comunista do Brasil. Em sua longa militância política, entre 1935 – ano em que se filiou ao Partido – e a data de sua morte, em 27 de maio de 2002, sua principal preocupação foi construir, fortalecer e consolidar o Partido.

Ele sempre enfatizou a necessidade do domínio da teoria marxista, da dialética materialista, como fundamentais para a atividade partidária madura e consequente. Isso fez dele uma das grandes lideranças comunistas do século 20 reconhecido no Brasil e no movimento comunista internacional.

Tinha 23 anos de idade e era dirigente sindical quando veio para as fileiras comunistas. Nunca mais parou. Estava preso, em 1941, e deu um jeito de fugir, com Pedro Pomar, para ir ao Rio de Janeiro para trabalhar pela reconstrução do Partido que fora praticamente destruído pela perseguição policial. Na ocasião, pensavam, ele e seus companheiros, era mais do que nunca preciso unir os trabalhadores e para construir o futuro.

Sua obsessão foi fortalecer e consolidar o Partido, e este é o legado que deixou para os brasileiros, unindo teoria e ação prática

Foi o início de uma caminhada que Amazonas só deu por terminada quando, em dezembro de 2001, beirando os 90 anos de idade, pediu no 10º Congresso do PCdoB, para ser afastado da tarefa de responder pela presidência nacional do Partido, sendo substituído por Renato Rabelo.

Reorganizador tenaz

Foi uma trajetória com enormes obstáculos. Ele sempre comparou o Partido à mitológica Fênix, a ave que renasce de suas cinzas. Na década de 1940, ajudou a organizar a Conferência da Mantiqueira (19436) para reconstruir o Partido que a polícia tinha quase destruído. Em 1962, esteve à frente da reconstrução do Partido desfigurado pela direção reformista que havia mudado seu nome e programa. Outro obstáculo, tirânico e sangüinário, foi a violenta repressão da ditadura militar de 1964, que atacou fortemente o partido. Quando a legalidade foi

reconquistada, em 1985, o mundo desmoronou com a derrocada socialista no leste europeu, mas João Amazonas esteve outra vez à frente do esforço para superar e vencer aquele desafio.

Teoria e prática

Fecundo estudioso do pensamento de Marx, Engels e Lênin, João Amazonas unia o estudo da teoria e a ação prática – e esta a foi marca de seu pensamento e exemplo. Não há ação revolucionária sem teoria revolucionária, dizia ele, e traduzia este ensinamento na única forma concreta de dar realidade a ele: a construção do Partido como instrumento para a luta contra o capitalismo e pela transição ao socialismo. Esta convicção está expressa em outra parte importante de seu legado aos comunistas brasileiros – a construção do PCdoB com a feição que tem hoje, um partido em defesa do socialismo, dos trabalhadores e na soberania nacional. ●

Formação em Pernambuco
Com o lançamento do Curso do Programa Socialista (CPS) em Recife (dia 26 de novembro), com a presença de 130 dirigentes e filiados da região metropolitana, o PCdoB-PE avança no projeto de aplicar o CPS a 7.500 filiados de 91 municípios e pretende chegar, até maio de 2012, 60% dos filiados no estado.

Formação em São Paulo
O PCdoB municipal de São Paulo realizou em novembro cinco Cursos do Programa Socialista. Houve curso em quatro distritais e um especial voltado para os pré-candidatos, envolvendo mais de 150 militantes participantes.



Classe Operária nas fábricas de Barra Mansa
O PCdoB-Barra Mansa começou (em 25 de novembro) a panfletagem nas portas das fábricas com o jornal Classe Operária, em defesa do PCdoB e do ex-ministro Orlando Silva. (foto). A distribuição ocorreu na Siderúrgica Barra Mansa e, na semana seguinte, na Saint-Gobain e na Dupont.

Defesa da mulher em Manaus
O Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (Cedim) realizou (dia 25 de novembro) uma panfletagem de conscientização sobre a violência contra a mulher no centro de Manaus. A ação fez parte da Campanha "16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra mulheres e meninas".

CTB avança na Paraíba
A CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil) filiou, em novembro, dois sindicatos de trabalhadores rurais, na Paraíba, nos municípios de Riachão do Poço no Brejo e Lucena. Assim, a CTB chega, no estado, a seis sindicatos de trabalhadores rurais.

BRASIL



"A ação da ANP serve como sinalização para outras empresas de que o nosso rigor vai se acentuar ainda mais"

Haroldo Lima, diretor geral da ANP

Vazamento de petróleo

Tirem as mãos do pre-sal!

A Chevron tentou esconder vazamento em alto mar; a Polícia Federal suspeita que ela tentou chegar ao pré-sal, sem autorização para isso

O vazamento de petróleo num poço de petróleo da Chevron, no litoral do Rio de Janeiro, em 7 de novembro, derramou 3.200 barris de petróleo no mar, avalia Haroldo Lima, diretor geral da Agência Nacional de Petróleo (ANP).

Foi um acidente grave, disse. Mas permitiu a observação da maneira como as empresas estrangeiras atuam no Brasil, a tentação de chegar clandestinamente ao petróleo do pré-sal, e também para comprovar a capacidade técnica e operacional dos brasileiros para enfrentar esses problemas, envolvendo a própria ANP, o Ibama, o Ministério das Minas e Energia, e a Marinha. E revelou, principalmente, a disposição política do governo brasileiro de enfrentar os monopólios com medidas para combater a ambição desmedida por lucros à custa do petróleo brasileiro.

A empresa responsável pelo vazamento é a veterana Chevron, nome atual da anti-



VAZAMENTO de 3.200 barris de petróleo derramados no mar

A reação do governo e da ANP mostrou ao mundo que o Brasil não brinca em defesa de sua soberania

ga Standard Oil, norte-americana, que está no Brasil desde 1912, e usava marcas como Esso e Texaco. É a terceira maior petroleira do mundo

e uma das célebres "sete irmãs" do petróleo, símbolo da cobiça imperialista e de uma história de desrespeitos e agressões à soberania e aos

MULTINACIONAL

As tramoias da Esso

A Standard Oil, criada nos EUA em 1870 por John Davison Rockefeller, logo se tornou um monopólio mundial do petróleo. Nos EUA, em 1911, foi obrigada pela justiça a desfazer o monopólio, dando origem a 34 empresas, entre elas a Esso, que age no Brasil desde 1912. É a antepassada da Chevron, que adotou esse nome em 2005. El que foi, no passado, o maior obstáculo à pesquisa de petróleo no país dizendo que ele não existia por aqui.

Na década de 1930 Monteiro Lobato descobriu que a Standard Oil mapeou as áreas petrolíferas do Brasil, com a cumplicidade de órgãos do governo e de altos funcionários públicos. Lobato chegou a escrever duas cartas a Getúlio

Vargas, em janeiro e em agosto de 1935, denunciando as trapaças da empresa. Numa delas relatou que ela havia infiltrado dois funcionários, os norte-americanos Victor Oppenheim e Mark Malamphy, no Serviço Geológico do governo federal. Eles, acusou, "agora dirigem tudo lá".

Foi contra as tramoias da Standard Oil que Lobato escreveu o livro infantil O Poço do Visconde, em 1937, e O escândalo do petróleo, em 1938, em que levantou a questão como um problema de segurança nacional. Ele acabou preso, em 1941, por contrariar o ponto de vista oficial de que não havia petróleo no Brasil.

Mas havia, e muito, como a Standard Oil sabia. E quando, depois do fim da ditadura do

Estado Novo, reuniu-se a Assembleia Nacional Constituinte em 1946 para escrever uma Carta Magna democrática para o Brasil, ela escalou um alto funcionário para acompanhar o trabalho de perto. O norte-americano Paul Howard Schoppel passou a pressionar os constituintes, deu dinheiro aos que apoiavam aquela empresa e, claro, ameaçou os adversários do imperialismo. Tudo para aprovar de leis favoráveis à Standard Oil, como a permissão da concessão de exploração de petróleo a empresas estrangeiras. Mas que, nos anos seguintes, foi derrotada pela campanha O Petróleo É Nosso, com os comunistas à frente, pelo monopólio estatal e pela criação da Petrobrás. ●

direitos dos povos (ver matéria nesta página).

A Polícia Federal suspeita, e está investigando, que a Chevron tenha tentado chegar ao pré-sal, sem ter sido autorizada para isso. Ela só podia perfurar até 3329 metros sob do nível do mar, mas a broca que usava podia chegar a 7600 metros, levando à suspeita de que tentava roubar o cobiçado e rico petróleo do pré-sal.

A Chevron cometeu crimes graves que levaram a ANP e o governo a puni-la com as multas da lei e a proibir seu funcionamento no Brasil. O primeiro crime foi o descumprimento das obrigações do contrato de concessão: ela não tinha os equipamentos obrigatórios para estancar um vazamento, desobedecendo a legislação brasileira.

Além disso, mentiu para o governo e para a ANP sobre o vazamento e ocultou informações sobre o desastre. Tentou, ainda, esconder o petróleo vazado empurrando-o para o mar usando, por economia, jatos de areia de alta pressão, técnica proibida no Brasil porque aumenta a poluição do mar. Outra ilegalidade foi o emprego de funcionários estrangeiros sem autorização para trabalhar no país.

A resposta rápida do governo e da ANP mostrou ao mundo, e às empresas, que o Brasil não brinca em defesa de sua soberania e de suas riquezas. A Chevron foi proibida de continuar operando no país, explicou Haroldo Lima, por falhas técnicas e negligências inaceitáveis. "A ANP está decidida a agir com o máximo rigor" nestes casos, disse seu diretor geral. Ele está certo. O Brasil e os brasileiros defendem suas riquezas e proclamam, para quem quiser ou precisar – ouvir: "imperialistas, afastem as mãos do pré-sal!" ●

Pará ameaçado de divisão

PCdoB recomenda: vote não à divisão no plebiscito que quer dividir o Pará

A unidade do estado do Pará está ameaçada. Em 11 de dezembro de 2011 vai ocorrer o plebiscito para decidir se os paraenses aceitam dividir seu estado criando dois novos, Carajás e Tapajós, que seriam desmembrados de seu território.

Um dos poucos partidos do estado com um posicionamento oficial sobre a questão é o PCdoB, que é contra a divisão pois ela prejudicará a população para favorecer somente aos interesses de elites regionais que querem controlar as riquezas do subsolo paraense.

O Pará é vítima da distorção do desenvolvimento capitalista e concentrador que não prioriza a região Norte e relega o estado a uma política extrativista e ao papel de mero fornecedor de matéria-prima mineral e vegetal, insumos e energia. E também à fronteira agropastoril e à monocultura latifundiária. Em consequência existem poucas indústrias, a infraestrutura é deficiente e não há tecnologia que atenda às necessidades de seu desenvolvimento integrado.

Faltam políticas públicas para o desenvolvimento

O Pará vive a lógica do saque, da dependência, da exploração predatória; daí o abandono e o sofrimento para a maioria da população de todas as regiões do Estado.

A ausência de assistência, de presença do Estado e de políticas públicas, são problemas que afetam a maioria do povo. O Pará convive com conflitos de terras, assassinatos de trabalhadores rurais, crime organizado, trabalho escravo, ausência de políticas sociais, trabalho infantil e exploração sexual de crianças e adolescentes. Para o PCdoB esses são problemas seculares na Amazônia e no Pará. Parte da população imagina que estes problemas podem ser resolvidos com a divisão. Ao contrário, podem ser agravados: o que estimula o movimento separatista é o desejo das oligarquias regionais de reforçar seu mando e poder nos novos estados que querem criar.

Potencial de desenvolvimento

O Pará tem grandes potencialidades. Situado no



A MAIORIA do povo não aceita a divisão do estado

centro da região Norte, é o segundo maior estado do país, com 1,2 milhões de km², é o mais populoso da Amazônia (mais de 7,5 milhões de habitantes), e sua capital, Belém, é o maior centro metropolitana do norte do país.

O extrativismo mineral dá base ao desenvolvimento de uma indústria metalúrgica que já é significativa; o município de Barcarena é um grande produtor de alumínio, sedia uma das maiores fábricas desse produto no mundo, e abriga também o principal porto Pará. E há, ao longo da Estrada de Ferro Carajás, uma presença crescente de siderúrgicas; o governo federal implementou em Marabá um pólo siderúrgico e metalúrgico. Nos últimos anos destaca-se também a expansão da cultura da soja e a produção local já representa 7% do total de grãos exportados.

Além disso, abarca a maior usina hidrelétrica totalmente brasileira (e a quarta do mundo), Tucuruí, e está em construção a Usina de Belo Monte, no Rio Xingu; será a terceira maior do mundo, atrás da chinesa Três Gargantas e da brasileira/paraguaia Itaipu.

A divisão vai fortalecer o poder das elites locais em Carajás e Tapajós e agravar os graves problemas enfrentados pela população

A divisão vai agravar, e não revolver, velhos problemas

Para o PCdoB, o estado tem todas as condições para crescer e se desenvolver, e a divisão não vai resolver os problemas históricos mas agravá-los. A questão central está inclusão da Amazônia e do Pará em um novo projeto nacional de desenvolvimento para o Brasil, com valorização do trabalho e inclusão social.

O Pará quase sempre foi governado por elites de visão política e econômica conservadora e atrasada, que ignoram a função social da propriedade e querem a riqueza fácil da especulação imobiliária e da sonegação de impostos, entre outros.

Estes velhos problemas, que são consequência do mando de oligarquias atrasadas, vão se agravar. E, com a divisão, o Pará poderá perder seu papel estratégico no crescimento nacional,

enfraquecendo o potencial de desenvolvimento integrado, ambientalmente sustentado e com inclusão social, aproveitando suas riquezas para melhorar a vida do povo.

É necessário romper com a lógica de saque e potencializar o emprego das riquezas paraenses para reduzir as desigualdades regionais e sociais, valorizar o trabalho e aprofundar a democracia. O retalhamento do estado, ao contrário, vai fortalecer o saque de suas riquezas pelo capital internacional.

Os comunistas do Pará, com o Comitê Estadual do PCdoB à frente, convocam os trabalhadores e o povo para irem às urnas em 11 de dezembro e votarem não à divisão, em defesa da integridade do estado e de um projeto de desenvolvimento que defenda os interesses da soberania nacional, por trabalho decente e pela inclusão social.



Denise Carvalho,

jornalista, ex-deputada estadual em Goiás, foi secretária de Estado. Em outubro, se reintegrou ao PCdoB

POR QUE SOU PCdoB

"Sou PCdoB porque é o Partido que reúne 90 anos da melhor tradição de luta de nosso povo por profundas transformações sociais e é capaz de aliar o desenvolvimento da teoria revolucionária à grande sabedoria do (a) brasileiro (a). Neste tempo de crise, o PCdoB responde, com determinação, ao grande desafio de resistir à opressão e entoar cantos de liberdade, semeando a esperança e renovando sua força".